





Editorial

Alejandro Pérez-Duarte Fernandez¹ , Patrícia Rodrigues Samora² 

¹ ITESO, Universidad Jesuita de Guadalajara. Jalisco, México. E-mail: apdf@iteso.mx

² Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Escola de Arquitetura, Artes e Design, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Campinas, SP, Brasil. Correspondência para: P.R. Samora. E-mail: patricia.samora@puc-campinas.edu.br

Como citar este artigo: Pérez-Duarte Fernandez, A.; Samora, P.R. Editorial. *Oculum Ensaios*, v. 22, e2517738. Doi: <https://doi.org/10.24220/2318-0919v21e2025a17738pt>

Neste segundo número do **Dossiê Envelhecimento, Território e Ambiente** são apresentados nove trabalhos, que estão aqui agrupados em três categorias, de acordo com o seu conteúdo, e que complementam as entradas temáticas observadas no número anterior.

Dentro da primeira categoria de obras estão as de **políticas públicas**. O estudo de Vaccaro, Martins e Gomes observa a dinâmica do *Fundo de Direitos das Pessoas Idosas no Brasil*, mecanismo que atua no país desde 1994 e que permite alocar recursos financeiros aplicáveis às cidades. Com base no desempenho do fundo com dados recentes, há uma heterogeneidade territorial significativa, pois os estados do Sul e Sudeste respondem por quase dois terços do valor total movimentado no ano, o que mostra a necessidade de resolver questões operacionais, especialmente em áreas com maiores necessidades.

O estudo *A integração do planejamento climático à agenda de Cidades Amigas do Idoso na América Latina: um debate necessário*, de Salvalaio, Rembiski e Alvarez, explora a atual dupla agenda das cidades: por um lado, a cidade amiga da pessoa idosa e, por outro, o compromisso com os aspectos relacionados às mudanças climáticas. A partir de uma lista de cidades latino-americanas que pertencem a programas relacionados a essas duas linhas de trabalho, são extraídos estudos de caso e identificadas desconexões em aspectos que devem ser trabalhados de forma coordenada, especialmente no que diz respeito à atenção à vulnerabilidade dos idosos a ondas de calor e situações semelhantes.

A segunda categoria corresponde à **mobilidade urbana**, com quatro trabalhos. O primeiro, de Cerqueira e colaboradores, intitulado *Mobilidade de idosos e estrutura familiar*, explora a mobilidade motorizada de idosos na região metropolitana de Belo Horizonte por meio da aplicação de quase 500 questionários origem-destino, com o objetivo de identificar padrões. Entre outros resultados, observa-se um número significativamente maior de viagens do grupo masculino, que diminui mais rapidamente com o aumento da idade, o que evidencia uma questão fundamental do envelhecimento latino-americano: a necessidade de manter a atividade laboral após os 60 anos.

O artigo *Os espaços livres públicos de lazer e a caminhada recreativa de pessoas com 60 anos ou mais*, de Demarco e Casarin, analisa um banco de dados que complementa outro artigo publicado na primeira edição do **Dossiê Envelhecimento, território e meio ambiente**, de Schmitt *et al.* (2024), e compara dois grupos de idosos com base na distância que caminham: os que caminham mais e os que caminham menos. Ao observar o ambiente urbano de cada grupo, identificam aspectos qualitativos que são derivados da literatura, como acessibilidade, paisagem, segurança, diversidade de usos do solo, entre outros, o que corrobora a hipótese de que, quanto maior a qualidade do ambiente urbano, maior o incentivo à caminhada.

A pesquisa *Caminhos para a mobilidade e acessibilidade urbana: desafios e percepções da Terceira Idade na cidade de Pelotas (Rio Grande do Sul)*, de Xavier e colaboradores, realiza mapeamento participativo e grupos focais em três cidades brasileiras para identificar aspectos relevantes para a caminhada de idosos. Reconhece-se um forte apego ao seu bairro, uma vez que, apesar dos problemas (manutenção dos pavimentos, insegurança *etc.*), os idosos não desejam mudar-se, pois “não o trocariam por outro”. Isso evidencia a importância da ligação emocional com o local no processo de envelhecimento.

A última categoria de trabalhos refere-se aos **estudos habitacionais**. Rachid e Bestetti revisam a literatura sobre o modelo de *Senior Cohousing* – termo que, na literatura em língua portuguesa, aparece como “Cohousing Sênior” – e, para isso, utilizaram uma grande amostra escolhida entre 11 bases de dados, nas quais encontraram 1.353 artigos publicados, sendo 72 utilizados para revisão de conteúdo. O grande número de publicações indica que se trata de um modo de vida que tem sido amplamente observado nos últimos tempos, o que mostra que o modelo dinamarquês merece atenção, principalmente na América Latina, onde o número de estudos é pequeno. É apontado como uma solução de espaço doméstico que promove autonomia e reduz custos operacionais, mas também tem a capacidade de oferecer suporte socioemocional. No entanto, também apresenta desafios importantes, como as relações sociais.

O artigo *Habitação multifamiliar vertical contemporânea: desafios frente às mudanças no perfil etário da população*, de Bazzarella e Ramos, busca diferenciar o nicho do mercado imobiliário de arranha-céus voltados para idosos por meio de quase 100 questionários. Os resultados mostram uma preferência pela proximidade de comércios, praças e áreas verdes, e, no interior, destacam-se aspectos de acessibilidade e conforto universais.

O último da categoria, intitulado *Avaliação da resiliência de moradias em relação aos impactos decorrentes do envelhecimento*, de Braga e Villa, aplica questionários e realiza observação direta em 11 domicílios do programa habitacional *Minha Casa Minha Vida (MCMV)*, em Minas Gerais, para avaliar a resiliência da habitação ao envelhecimento. Os resultados mostram aspectos que necessitam de atenção especial, principalmente relacionados à visão (iluminação, abertura de janelas), à locomoção (abertura de portas, degraus) e ao conforto ambiental, entre outros.

E, fechando o bloco, o artigo *Relações espaciais e ambiências sensíveis no cotidiano de pessoas idosas com Doença de Alzheimer*, de Salarini da Rosa, Duarte e Damazio, aborda um subgênero habitacional especializado em Alzheimer e realiza um estudo etnográfico a partir dos casos de quatro mulheres em uma instituição de longa permanência (ILPI). Em uma narrativa envolvente, os autores descrevem relações espaciais e objetos que potencializam memórias emocionais e reconhecem pontos nodais no espaço, como aqueles que fomentam os contatos interpessoais ou com a natureza. Esses aspectos devem ser prescritivos de uma arquitetura mais sensível às necessidades dessa fase da vida, à qual todos aspiramos chegar.

Espera-se, com este e o número anterior, poder abrir um amplo debate no Brasil – estendendo-se à América Latina – sobre a necessidade urgente de entender que o envelhecimento ocorre de forma situada, e que é impossível estudar o fenômeno se não estiver associado ao habitat, ao território e ao espaço. Um apelo dirigido a arquitetos e urbanistas.